



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil  
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013  
ISSN 1982-3657



### **MULHERES QUE ENSINAM MULHERES:**

#### **Legados políticos para a construção da cidadania de mães e filhas trabalhadoras rurais de Pernambuco**

Iasmim Vieira[1]

Allene Lage[2]

Eixo Temático: Educação, Sociedade e Práticas Educativas.

**Resumo:** Este artigo se dispõe a discutir experiências políticas no campo do conhecimento que as trabalhadoras rurais ensinam as suas filhas. Para discutir este campo utilizamos de Santos (2004) e Escobar (2003). Para falar da educação que se instala nas relações mãe e filha usamos as discussões de Rodrigues (1999), Caldart (2001) e Freire (1982). Quanto às questões referentes à mulher rural, elaboramos essa análise a partir de Rodrigues *et. al.*(2010). Metodologicamente a pesquisa parte da abordagem qualitativa, fizemos uso também da Análise de Conteúdo e do Método do Caso Alargado. Os resultados apontam para a construção de saberes políticos de alto conteúdo emancipador, bem como a revitalização de conhecimentos tradicionais, sobretudo aqueles vinculados a questão da terra, na construção da cidadania de mulheres trabalhadoras rurais.

**Abstract:** En este artículo se propone discutir experiencias políticas en el campo del conocimiento que los trabajadoras rurales enseñan a sus hijas. Para discutir este campo, uso de Santos (2004) y Escobar (2003). Para hablar de la educación que se asienta la madre y la hija relaciones utilizan las discusiones de Rodrigues (1999), Caldart (2001) y Freire (1982). Las cuestiones relativas a la mujer rural, preparamos este análisis de Rodrigues *et. al.* (2010). Metodológicamente la parte de investigación del enfoque cualitativo, también utilizamos análisis de contenido y el método del caso extendido. Los resultados apuntan a la construcción de conocimiento alto contenido político emancipador, así como la revitalización de los conocimientos tradicionales, sobre todo los relacionados con la cuestión de la tierra en la construcción de la ciudadanía de las mujeres trabajadoras rurales.

Palavras-Chave: Conhecimento; Movimentos Sociais do Campo; Trabalhadoras Rurais

### **Introdução**

Este estudo está integrado na produção do projeto de Pesquisa "A Mulher nos Movimentos Sociais do Campo – Identidades, Saberes de Luta e Educação: Um Estudo Comparado entre as Mulheres do Movimento Sem Terra e as do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste", financiado pelo CNPq na categoria de projeto de produtividade científica, e se refere a aspectos importantes da conclusão da pesquisa de Iniciação Científica (IC) que está atrelada a esta pesquisa maior.

Desta forma, a pesquisa de IC que está concluída, tem por objetivo geral conhecer experiências políticas que as trabalhadoras rurais ensinam às suas filhas nos vários campos sociais[3] em que atuam, dentro

deste tem por objetivos específicos identificar as experiências políticas no campo dos conhecimentos, reconhecimentos, democracia e produção que as trabalhadoras rurais ensinam, no âmbito da família, às novas gerações de trabalhadoras rurais.

Neste artigo nos voltamos para a discussão das experiências de conhecimento que trabalhadoras rurais vivenciam e ensinam as suas filhas. Por experiências de conhecimento entendemos aquelas que lidam com informações, reflexões, conhecimentos teóricos, metodológicos, técnicos, saberes de luta, saberes local e outros saberes.

No que se referem aos processos educativos dentro dos Movimentos Sociais do Campo que a pesquisa trata e no âmbito da família na relação mãe-filha, nos utilizamos das reflexões advindas da Educação Popular, a qual entende esta proposta de educação com um caráter, sobretudo, sócio-transformador, emancipatório, esperançoso e dialógico, ressaltando dentro deste processo que envolve a Educação Popular o conceito de práxis e as noções de Ubiquidade. Para isto, no utilizamos de autores como Freire (1982); Rodrigues (1999); Caldart (2001); Calado (2005).

Sobre as relações de gênero que circunscrevem o universo peculiar das mulheres trabalhadoras rurais, como o trabalho trata das condições que envolvem as mulheres dentro de dois movimentos sociais - um que possui um setor de gênero e outro especificamente um movimento que discute as questões das mulheres rurais - nos utilizamos de Rodrigues *et. al*( 2010) situando-as em uma perspectiva diferenciada, haja vista que suas condições de mulher se entrelaçam com as questões geográficas e identitárias que as cercam.

Para apresentar nossas reflexões, organizamos o artigo da seguinte forma: uma breve reflexão sobre a Educação Popular e os conceitos anunciados, em seguida situaremos a mulher rural nas relações de gênero e suas peculiaridades. O Caminho metodológico será apresentado e finalizamos com as apresentações e análises dos casos.

### **Educação Popular**

Discutir o universo da educação, sua amplitude e implicações requerem olhares abrangentes, exige compreensões que permita enxergar este campo como vasto e de possibilidades diversas, sobretudo como algo de múltiplas formas e dependente de várias circunstâncias. Desta maneira é necessário afirmar que para além de associações que interliguem a educação a processos formativos que acontecem em instituições socialmente determinadas a educar o ser humano, a educação enquanto um processo mais amplo faz-se presente em situações de diversas naturezas. Nessa direção, Rodrigues (1999) afirma que a educação pode ser tida como ação ou maneira de desenvolver condições para que grupos ou indivíduos obtenha determinado patrimônio cultural, possibilitando seu aperfeiçoamento e enriquecimento.

Dada às características gerais da educação, podemos então considerar que suas possibilidades de constituir-se variam de acordo com o tempo e o espaço. No contexto dos movimentos sociais, dentro de suas estratégias de lutas a educação se constitui como mecanismo indispensável, pois se situa no âmbito da emancipação do sujeito, onde as percepções críticas são aguçadas na luta por transformações de realidades. A lógica da educação transformadora já teorizada por autores/as que assumem no campo da educação posturas militantes é reconhecida enquanto uma arma política na luta que se engajam. É no processo de conscientização que a vivência dos movimentos sociais propiciam que os sujeitos envolvidos vão tornando-se agentes de suas mudanças e multiplicadores de conhecimentos vividos, refletidos e praticados. Nesta direção, concordamos com Caldart (2011) quando ressalta que

Pensarmos o movimento social também como uma das matrizes pedagógicas fundamentais na reflexão de um processo educativo que se contraponha aos processos de exclusão social, e que ajude a reconstruir a perspectiva histórica e a utopia coletiva de uma sociedade com justiça social e trabalho para todos (CALDART, 2011).

Essa educação sócio-transformadora, denominada por alguns autores/as de Educação Popular consiste na proposta de práxis direcionada para a efetiva transformação dos indivíduos e da sociedade em geral (RODRIGUES, 1999). Esta seria de forma mais abrangente sua definição. Independente das situações que permeiam o desenvolver da Educação Popular, sua característica emancipatória, esperançosa e dialógica a diferencia de modelos outros de educação, tal como aqueles que servem para reproduzir o quadro de desigualdade e injustiça social. Sobre as propriedades da Educação Popular faremos um recorte sob dois elementos que fazem parte da sua constituição por considera-los essenciais para as noções de educação que este estudo se propõe, são eles: o conceito de práxis e as noções de ubiquidade.

O autor Luiz Dias Rodrigues (1999) em um texto destinado a discutir possíveis conceitos de Educação Popular trabalha a importância da práxis e o elemento da ubiquidade enquanto constituinte desta forma de educação. Para este autor a vivência da Educação Popular encontra-se na práxis, "em processos concretos, em propostas reais, de formação de vivências e de relações interpessoais inovadoras, entre indivíduos envolvidos em experiências empíricas e observáveis, entre pessoas que convivem em grupos." (RODRIGUES, 1999:22). É no processo da ação refletida que a práxis torna-se primordial no processo educativo. Paulo Freire (1983) em Pedagogia do Oprimido, quando fala da dialogicidade da educação, ressalta que o diálogo enquanto fenômeno humano nos revela a palavra, e esta muito mais que um instrumento de concretização do diálogo nos impõe a buscar, por sua vez, seus elementos constitutivos. Nesta análise Freire compreende que há "duas dimensões; ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte uma delas, se ressentem, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis" (FREIRE, 1982:91). É neste sentido que se afirma que a palavra verdadeira muda o mundo, por consistir em uma ação propriamente dita acompanhada de elementos reais e reflexivos.

Para tanto, é necessário considerar a importância da práxis, sobretudo, quando se enxerga que tal elemento "evita que a educação popular se perca pelos descaminhos do estéril nominalismo, orientando-a para a investigação do concreto e do real direcionados para a transformação do homem, da sociedade e do estado." (RODRIGUES, 1999:22).

No que se refere às noções de ubiquidade, podemos compreender como algo que está em toda parte, isso nos ajuda a dissociar a formação educativa com ambientes único e exclusivamente destinado a isso. Essa característica da Educação Popular amplia nossos horizontes de compreensão e nossas possibilidades de atuação. Ainda considerando Rodrigues (1999) concordamos com o autor quando ressalta que

O objeto de investigação da Educação Popular pode encontrar-se em qualquer lugar, onde se reúnam regularmente pessoas. O que a caracteriza não é uma geografia limitada e restritiva, mas a interação transformadora entre seus participantes e que aconteça sistematicamente em qualquer local onde costumem se reunir. Pode acontecer no lar, entre pais, filhos e domésticos, como na empresa, entre todos aqueles que ali trabalham. Pode desenvolver-se na educação informal, como nas reuniões do sindicato, da comunidade de bairro, nos movimentos sociais. Pode se fazer presente na educação formal, em qualquer escola de qualquer nível, alfabetização, ginásio, colégio ou universidade [...] A potencial onipresença da educação popular justifica-se, tanto pelo fato de não ser um espaço em particular que a caracteriza e sim a natureza das relações de convivência (RODRIGUES, 1999:23).

As considerações feitas até aqui se fizeram necessárias haja vista que o nosso objeto de investigação consiste em experiências de conhecimento que trabalhadoras rurais ensinam às suas filhas. Neste sentido as ideias de práxis e de ubiquidade tornam-se essenciais, pois a educação aqui discutida nasce no âmbito da família e as experiências que buscamos identificar incidem em situações concretas, reais e disponíveis.

### **Mulheres Rurais: algumas considerações**

Em áreas rurais a inserção das questões de gênero tem de forma direta ou indireta ligação com a efervescência social produzida por grupos de mulheres nas áreas urbanas. Deste modo, grupos de mulheres com a perspectiva feminista ou setores que discutem gênero dentro de outros movimentos sociais do campo passam a se organizar.

Tentar compreender o universo que liga as questões de gênero em contextos rurais requer olhares especiais, exige, tal como Scott (2010) salienta uma "atenção específica que permita desvendar a vivência de uma ruralidade cada vez mais emaranhada em complexas teias de poder e de significação". (p.17). Esta realidade nos impulsiona a refletir a posição da mulher tendo a sua espacialidade como um dos elementos fundamentais de análise, haja vista que esta condição interfere substancialmente nas formas que se vivenciam suas feminilidades. Sobre isto, Scott (2010) considera.

Seja qual for o seu local de residência ou de trabalho, cada pessoa vive um mundo permeado por culturas edificadas por simbolizações que atribuem, diferencial e dinamicamente, a homens e mulheres, e a crianças, jovens, adultos e idosos, certas características. Desta maneira, o campo está aberto para a elaboração de estratégias de colaboração e de conflito que têm consequências muito significativas para quem mora no ou vive do mundo rural. (SCOTT, 2010:18)

É na vivência com os movimentos sociais que as mulheres rurais passam por um processo de conscientização e de formação política, adquirindo forças e se organizando contra as relações opressoras as quais foram instaladas. Sobre esse processo de empoderamento, Rodrigues *et. al.* (2010) ressalta que

O movimento feminista tem papel fundamental nesse processo, pois vem se articulando com movimentos sociais, sindicais, de mulheres rurais e agricultoras para pensar como se dá a divisão sexual do trabalho, na agricultura familiar e no trabalho rural. O trabalho das mulheres rurais está tão ou mais "para além da dupla jornada" que o das mulheres urbanas. Ele corre uma jornada contínua que vai do amanhecer ao anoitecer, resultando na confusão entre as atividades domésticas e produtivas. De qualquer forma os estudos apontam para um empoderamento das mulheres rurais, ligadas à participação públicas em movimentos sociais. (RODRIGUES *et al*, 2010: 72)

Ainda sobre esse processo de empoderamento das mulheres ao adentrarem o mundo dos movimentos sociais, o autor considera que

A partir dessa nova configuração as mulheres vão adquirindo maior autonomia, que em alguns casos, acirra os conflitos na esfera doméstica, ocasionando muitas vezes o abandono do (ou pelo) marido e/ou agressões. Elas adquirem poder e passam a conviver com as duas faces advindas dele: a da potência e a da impotência, sendo a primeira adquirida por elas e a segunda sentida por eles, que são socializados para o exercício do poder e convivem mal com a impotência, como advertem Heleith Saffioti e Suely Almeida (1995). (RODRIGUES *et. al*, 2010: 72).

É no âmbito das construções políticas que mulheres rurais constroem na vivência com os movimentos sociais, a qual participam e ensinam as suas filhas, que este estudo se dirige, por isto as considerações discutidas até aqui necessitaram ser evidenciadas para que as nossas compreensões sobre mulheres rurais possibilitassem melhores entendimentos dos temas que serão discutidos posteriormente e, sobretudo, refletisse a base teórica a qual utilizaremos nas análises feitas.

## **Metodologia**

O caminho metodológico construído ao longo do desenvolvimento deste estudo, parte do pressuposto de que a pesquisa, enquanto um procedimento sistemático, objetiva de acordo com seu processo, oferecer compreensões acerca de problemas que são propostos, assim se faz pesquisa a partir do desejo de conhecer algo inicialmente desconhecido (GIL, 2007). Aliada a essa discussão, compreendemos que as estratégias metodológicas organizadas pelo/a pesquisador/a, necessitam ser articuladas em volta do proposto objetivo da pesquisa. É em busca da melhor forma de atingir o objetivo inicial, que os caminhos metodológicos devem ser estipulados.

Por se tratar de um estudo no qual o objetivo maior consiste na procura de experiências políticas nas quais as trabalhadoras rurais ensinam as suas filhas, suas histórias de luta e seus legados político nos vários campos sociais onde atuam, a abordagem qualitativa de pesquisa é a mais indicada por permitir um aprofundamento “no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2002) e por fornece caminhos possíveis para alcance dos objetivos.

Enquanto tipo de pesquisa, este estudo foi pautado pelos princípios da pesquisa *exploratória* e *explicativa*, haja vista que a primeira possibilita uma visão geral do fato investigado, geralmente usada em temas pouco estudados. A segunda corresponde a um tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, explicando as razões e motivos de tais fatos (GIL, 2007). De fato, consideremos necessários esses dois tipos de pesquisa no nosso estudo, por tratarmos de questões referentes à complexidade do mundo da mulher rural, na relação com suas filhas no âmbito dos campos sociais que atuam.

No que se refere ao método utilizado, o escolhido foi o *método do caso alargado*. Este método nasce dentro do Estudo de Caso e a partir dele amplia suas implicações. Utilizamos inicialmente o estudo de caso, que é um estudo que requer um esforço do pesquisador, possibilitando que o mesmo sistematize um conhecimento abrangente e detalhado favorecendo um aprofundamento analítico nos aspectos da vida real, na descrição do contexto social e as explicações fenomenológicas destes. Deste outro escolhemos este método por se tratar de uma estrutura metodológica que fundamenta o trabalho com foco num aprofundamento da conclusão do estudo de caso, propiciando ampliar as considerações relevantes sobre o objeto de estudo.

Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou de único. A riqueza do caso não está no que nele é generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que o constituem (SANTOS, 1983:11).

Para o levantamento dos dados, nos utilizamos da técnica de pesquisa observação participante, entendendo esta, nos termos de Minayo (2002), como a forma do/a pesquisador/a manter contato direto com o fenômeno observado, tendo sua importância no fato de que seguindo esta técnica, podemos captar um campo vasto de situações que expressem relevância para a pesquisa. Dentro desta técnica, fizemos uso da entrevista semi-estruturada. Para além das relações interpessoais, essa pesquisa buscou através de consultas bibliográficas e acervos particulares informações que contribuíssem na construção de novos conhecimentos acerca da luta política das mulheres do campo.

Para o tratamento dos dados, utilizamos da técnica Análise de Conteúdo. Segundo Valla (2001) “a finalidade da análise de conteúdo será, pois efetuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (VALLA, 2001:104).

### **Campo do Conhecimento**

O campo do conhecimento é permeado por uma grande divisão. De um lado os conhecimentos científicos e do outro os populares e entre estes uma hierarquia que separa mundos, lugares e modo de vida. A

questão dos conhecimentos locais ou tradicionais tem ganhado cada vez mais importância, à medida que se amplia o debate em torno do reconhecimento das suas contribuições para com a ciência. Contudo, apesar deste movimento para o reconhecimento deste contributo ter sido tardio, não impediu que a ciência se constituísse e se afirmasse na interface com saberes locais, ao interpretá-los a partir dos seus métodos, para depois assumi-los como produção puramente científica. Se, por um lado, a ideia de uma ciência universal silenciou, ao longo dos séculos, muitas culturas e saberes, impondo-lhes padrões culturais universais, pelo outro, o silenciamento deu-se com a absorção ou apropriação de muitos saberes locais.

Um contributo é a voz de Arturo Escobar (2003) que fala sobre os novos conhecimentos baseados no senso comum que passaram para um primeiro plano. Escobar fundamenta a sua afirmação, a partir da observação dos tipos de conhecimentos, que os ativistas dos movimentos sociais e as ONGs têm vindo a produzir no contexto de lutas que são simultaneamente localizadas e globalizadas (ESCOBAR, 2003:607).

Indo ao encontro desta ideia de diversidade de saberes, Santos, Nunes e Meneses (2005), dizem que a diversidade epistémica do mundo é potencialmente infinita, pois todos os conhecimentos são contextuais. Não há nem conhecimentos puros, nem conhecimentos completos; há constelações de conhecimentos. Consequentemente, é cada vez mais evidente que a reivindicação do carácter universal da ciência moderna é apenas uma forma de particularismo, cuja especificidade consiste em ter poder para definir como particulares, locais, contextuais e situacionais todos os conhecimentos que com ela rivalizam (SANTOS, NUNES e MENESES, 2005: 46).

Dentro desta pluralidade de conhecimentos locais, importa ressaltar que estes saberes vivem e se legitimizam a partir das respostas que oferecem aos diversos problemas que as sociedades têm enfrentado ao longo das suas trajetórias. São conhecimentos acumulados, experimentados, refletidos e validados por elas mesmas. Estes conhecimentos se prolongam na passagem que os pais e mães fazem para seus filhos e filhas e estes, a cada geração reelaboram a luz dos desafios e aprendizagens do presente.

### **Experiências de Conhecimento- MST-PE**

O campo do conhecimento é dos campos sociais aquele que lida com diversidade epistemológica do mundo, seja dentro de uma relação colonial que hierarquiza os saberes e subalterniza todo aquele que não está dentro do cânone da produção científica do mundo moderno ocidental, conforme nos diz Santos (2005), seja dentro de uma ação contra hegemônica que reconhece que os conhecimentos possuem bases epistemológicas diferentes e, que para a construção de um mundo a qual as possibilidades de conhecimentos credíveis sejam ampliadas é preciso esforços que proporcionem a visibilidade destes, este caminho se faz mediante a desestrutura de relações hierárquicas entre os conhecimentos. Para a desconstrução dessas relações de poder, enxergamos o caminho do diálogo entre os saberes enquanto forma de ação contra hegemônica partindo do

[...] princípio de que a incompletude de todos os saberes decorre a possibilidade de diálogo e de disputa epistemológica entre os diferentes saberes. O que cada saber contribui para esse diálogo é o modo como orienta uma dada prática na superação de uma dada ignorância. O confronto e o diálogo ente os saberes é o confronto e um diálogo entre diferentes processos através dos quais práticas diferentemente ignorante se transformam em práticas diferentemente sábias. (SANTOS, 2003:16)

Dentro do MST a luta pela visibilidade dos conhecimentos que emergem das relações criadas pelo Movimento, sejam esses saberes de luta e/ou conhecimentos políticos, ou dos próprios conhecimentos tradicionais que constituem cada cultura coletiva e individual, caminham na perspectiva da legitimação dessa produção do conhecimento, a luta pela educação do campo é, pois, uma conquista dos movimentos sociais do campo que possuem em sua proposta educativa a concretização de um modelo outro de educação, que tem em sua base a inserção de conhecimentos, culturas e modos de vida da população do

campo nas práticas educativas que se situam.

Na luta pela visibilidade dos conhecimentos oriundos dos povos que estão situados nos espaços que o Movimento se insere, o MST caminha fortalecendo a legitimação dessa produção de conhecimento, os/as militantes de alguma forma apresentam essa compreensão.

eu não aprendi na faculdade o sentimento de pertença a uma classe social, a de chegar a um público e poder falar, a defender aquilo que eu queria, a minha ideia, o meu ponto de vista por que anterior a minha entrada no Movimento eu ia na faculdade, por mais que eu não concordasse com uma ideia e não defendia a minha ideia e eu acho que isso o movimento provoca, essa coisa de tu ser capaz de se desafiar. (MILITANTE MST-PE 01, DIÁRIO DE CAMPO: 13/09/2012)

Para além dos conhecimentos construídos na luta social, conhecimentos tradicionais relacionados à agricultura e manutenção da terra também são pontuados como saberes construídos empiricamente que são passados a partir da convivência entre os indivíduos. Nesta relação que se dá dos conhecimentos dentro do Movimento, no âmbito da família não acontece de forma divergente, é neste espaço que principalmente as mulheres encontram campo fértil para a difusão da militância, além de dialogicamente construir e ensinar as filhas conhecimentos, formas e maneiras de se inserir nas lutas sociais. Neste campo social há com forte presença processos formativos, a qual as filhas enquanto alvo, partilham de saberes que caminham na direção não apenas do que é comum a todo o Movimento, mas nas desigualdades existentes nas relações de gênero. Embora ainda que de algum forma as mulheres do Movimento estejam entrelaçadas dentro de alguma prática violenta no que se refere às relações de gênero, elas tentam desconstruir isto na educação dos/as filhos/as, se diferenciam de mulheres não-militantes pela consciência construída sobre as desigualdades culturais nas relações de gênero, denunciando por vezes dentro do próprio Movimento as realidades opressoras. Sobre isso uma militante do MST relata como trata essas questões com a filha e a nora.

Pra nós enquanto mulheres, nós temos que ter um trabalho, não depender dos outros, nós temos que estudar, nós não podemos viver em função da outra pessoa, acho que isso é muito importante, a gente não viver em função da outra pessoa só, mesmo em função dos filhos só, eu acho que isso eu consegui, não é com palavras só, é mostrando que a gente tem que participar na escola, nas lutas, não sei se você entende. (MILITANTE MST-PE 01, DIÁRIO DE CAMPO: 13/09/2012)

### **Experiências de Conhecimento- MMTR-NE**

A construção do mundo moderno trouxe, para o campo do conhecimento a ideia de centralidade hegemônica de saberes que tinham, por sua vez o viés da ciência, dando-lhe poder de dizer não só o que é ciência, mas o que é conhecimento válido. (SANTOS, 2005).

Essa soberania de um tipo de conhecimento sobre todas as outras formas de conhecimento e de produção destes, ganha força não apenas por razões epistêmicas, mas possui razões puramente políticas e econômicas. Boaventura de Sousa Santos (2006) ressalta que na construção do mundo moderno os conhecimentos ditos científicos traduziam-se em conhecimento tecnológicos que, por sua vez estava aliado a um sistema capitalista que ascendia gradativamente. Essas raízes são traduzidas nos debates atuais através da dicotomia existente entre os conhecimentos científicos de um lado e dos outros conhecimentos populares, na medida em que se amplia as discussões sobre a imbricação dos conhecimentos do senso comum com aqueles cientificamente estabelecidos, essa dualidade vai sendo desestruturada.

O MMTR-NE enquanto um Movimento de mulheres do Nordeste que luta contra culturas opressoras nas relações de gênero, possuem experiências de conhecimentos no sentido da legitimação de saberes relacionados às condições das militantes mulheres trabalhadoras. Neste sentido, conhecimentos referentes

a modos de produção e sobre a luta por novas relações de gênero são pautas constantes nas formações que o Movimento se propõe.

Produções como sistematizações de experiências agroecológicas de mulheres em formatos de livro para divulgação dos conhecimentos construídos, são exemplos de como se concretiza o processo de legitimação dos conhecimentos que emergem do campo que estão situadas e tornam-se conhecimentos credíveis.

Enquanto conteúdos dessas produções desse Movimento, conhecimentos referentes a produções sustentáveis e empoderamento das mulheres em grupos e organizações coletivas ressaltam o papel da organização civil como instrumento de subversão da ordem opressora machista e patriarcal, que encontra bases em princípios neoliberais que permeiam as produções canônicas. Desta forma, forjam-se nas formações e produções do Movimento a construção de um mundo que atenta para uma possibilidade outra da mulher, onde os conhecimentos referentes à sua posição de trabalhadora rural se atrelam a sua condição de mulher, forte e trabalhadora.

No âmbito da família, esses saberes construídos são ensinados aos membros do grupo familiar. As filhas por suas vez, quando não participam do Movimento, organizam-se em outros grupos sociais ou difundem aquilo que vivenciam com a mãe nos locais que estão situadas. Os conhecimentos tradicionais ainda presentes nos modos de vidas das trabalhadoras rurais são reconhecidos como conhecimentos válidos e importantes, sobre isso uma militante do Movimento relata

se a gente tiver o cuidado como antigamente se tinha com a lua, não se perde, por que tem um tempo que o milho dá um "gorgulho" "brabo", os feijões dá um "gorgulho" "brabo", até a semente da cebola chocha muito, mas é a lua que a gente não presta atenção, quando você planta nas quadrinhas certas, você pode deixar aí, pode deixar na roça de um ano pra outro, que não dá "gorgulho" não, é como madeira, você vai tirar uma madeira no mato, se você já sabe que a qualidade da madeira não é boa, mas se você tirar ela nas quadras boas ela não arruína tão depressa, mas se você tirar em uma quadra ruim, como diz o povo "com a lua clara" aí antes de um ano, a madeira, a estaca o que for se acabou. (MILITANTE MMTR/NE 03, DIÁRIO DE CAMPO, 11/10/2013).

No âmbito da família e na relação com as filhas há um esforço por parte das mães na continuação desses conhecimentos.

Cada experiência que você participa, casa intercâmbio você traz uma coisa nova ali pra dentro, então assim quando eu chego de qualquer atividade, se eu aprendi uma coisa nova eu repasso, " Olha, vamos mudar isso aqui" que é mais fácil de produzir, é mais rápido, é agroecológico, não usa o veneno, é, então... e vai tendo aquela mudança, e assim é difícil, no começo, por que tudo no começo é difícil, mas, com o conhecimento que a gente tem é mais fácil de estar levando isso para dentro da família (MILITANTE MMTR/NE 01, DIÁRIO DE CAMPO, 11/10/2013).

Neste processo, há por parte das mulheres militantes a tentativa de perpetuação da luta através das suas filhas, os conhecimentos construídos são instrumentos construídos mudam comportamentos e práticas, fortalecem as utopias que guiam as organizações viabilizando a concretização do mundo que almejam.

### **Comparação entre as Experiências de Conhecimento do MST e do MMTR-NE**

Ao comparar as experiências de conhecimentos disponíveis do MST-PE e do MMTR-NE é possível enxergar algo comum no que se refere à essência dessas experiências, ambas possuem um caráter emancipatório oriundo das lutas protagonizadas por esses atores sociais. Embora os caminhos trilhados para o alcance dos objetivos que se propõem sejam de naturezas diferentes, o reconhecimento dos conhecimentos fruto

das lutas sociais, bem como aqueles relacionados aos modos de vida tradicionais, são elementos essenciais no processo de visibilidade da causa que os Movimentos estão inseridos, colaboram com o fortalecimento da luta na medida em que aponta para a existência de conhecimentos, que não tem raízes fincadas em produções acadêmicas ou dentro das estruturas científicas hegemônicas, mas que emancipam e transformam realidades.

As experiências de conhecimento aqui identificadas possuem caráter contra-hegemônico e são oriundas de grupos subalternizados e que não pertencem ao cânone da produção científica do mundo, mas que confirmam o que Santos (2003) discute quando diz que há no mundo uma diversidade epistemológica muito além daquela produzida pelo mundo moderno ocidental, e que este conhecimento se legitima não só como conhecimento credível, mas detém o poder de dizer o que é conhecimento válido. Este processo de invisibilidade de todas as outras formas e produções de conhecimentos Santos (2003) define como Epistemicídio, a morte de conhecimentos que em nome de uma soberania científica são desconsiderados antes mesmo de ouvidos. Como uma ferramenta epistemológica a Sociologia das Ausências tenta visibilizar esses conhecimentos, a partir da identificação de experiências disponíveis.

Para as mães militantes do MST-PE a valorização dos conhecimentos que emergem dos processos de luta são sempre pontuados quando há a reflexão dos indivíduos antes e depois da entrada no Movimento, estão associadas como conhecimentos políticos a capacidade das militantes, por vezes sem altos graus de escolarização, de debaterem, problematizarem e se reconhecerem como sujeitos de direito, que reivindicam e luta por um mundo onde haja justiça social. Desta forma esses conhecimentos políticos são traduzidos nas ações das militantes nas posturas conscientizadoras que são construídas e nos papéis multiplicadores que constroem ao longo da vivência no Movimento.

Enquanto conhecimento que está associado aos modos de vida do campesinato, estes são reconhecidos como essenciais na construção da identidade dos povos do campo, são esses saberes próprios do meio rural que os caracteriza de modo diferenciado de outras populações, por esses saberes identificamos aqueles relacionados, sobretudo ao cultivo da terra que são repassados ao longo das gerações familiares. Em meio a uma invasão de conhecimentos técnicos agrários que agilizam a produção agrícola, principalmente em nome de um desenvolvimento rural aliada ao agronegócio, à existência desses conhecimentos é fruto do processo de resistência dos movimentos sociais do campo, que não se nega a dialogar com esses novos conhecimentos técnicos que são próprios do mundo moderno, mas que reivindica a visibilidade dos seus conhecimentos como uma possibilidade também de produção.

Para as mães militantes MMTR-NE os conhecimentos de luta estão sempre relacionados ao empoderamento da mulher trabalhadora rural, desta forma está atrelada a esses conhecimentos emancipadores a autonomia que cada mulher tem potencialidade de construir, desconstruindo relações sexistas. Sobre esses saberes de luta, consideramos aqueles que são próprios das relações sociais que o Movimento insere cada militante, seja em posições de liderança que multiplica conhecimento adentrando em uma função conscientizadora, seja em seus núcleos de base que possibilita a mudança de práticas individuais emancipatórias. Esses conhecimentos políticos são responsáveis pela formação dessas mulheres que duplamente excluídas pelas suas condições de mulheres rurais, forjam novos processos de luta. Por vezes excluídas dos processos formais de ensino, haja vista que relações patriarcais interferem na escolarização das mulheres, bem como suas condições geográficas aliadas a uma ausência de políticas públicas eficazes para a educação do campo. Este contexto faz com que o Movimento seja uma das poucas possibilidades de formação política dessa população, formação esta preenchida por um conhecimento que brota das relações construídas.

Quanto aos conhecimentos relacionados aos modos de vida, principalmente com a questão da terra, este também se envolve com as questões de gênero, pois imbricada aos conhecimentos tradicionais que considerados caminhos para uma produção sustentável, é ressaltado as possibilidades de emancipação econômica que a trabalhadora rural pode obter, principalmente quebrando com o ciclo de violências que subalterniza sua condição de trabalhadora rural a de mera ajudante. É enquanto produtora, não apenas

em sentido econômico, mas como produtora de conhecimento que esses saberes contribuem na emancipação das mulheres trabalhadoras rurais.

## Conclusão

Iniciamos este estudo com o objetivo de identificar experiências de conhecimento que trabalhadoras rurais vivenciam e ensinam as suas filhas. Nos dois casos discutidos, é visível como há a consciência da importância dos conhecimentos emergentes das relações sociais que os dois Movimentos produzem, esta ação mobilizadora constroem e fortalecem a luta dos dois Movimentos em questão, haja vista que a participação coletiva possibilita o reconhecimento da importância desses conhecimentos. Nos dois casos analisados, toda essa aprendizagem construída no âmbito da família reflete nas relações mãe e filha, a educação construída, esta de caráter popular e sócio-transformador, prioriza processos formativos que caminham na direção da perpetuação da luta, por vezes há dificuldades nas relações com os cônjuges, quanto aos conhecimentos atrelados às desigualdades de gênero, no entanto as filhas são o foco de atenção, pois representam a continuação da luta.

Sendo assim, houve a tentativa neste estudo em trazer e dar visibilidade a algumas questões que envolvem a força dos conhecimentos construídos no âmbito dos movimentos sociais e na relação que as trabalhadoras rurais estabelecem com suas filhas, com intuito de, a partir de então outras questões serem problematizadas e discutidas tendo como centro esse grupo de mulheres que apresentam em diversos fatores características peculiares.

## Referências

CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo**. Setembro, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em: 21 de março de 2011.

ESCOBAR, Arturo. Actores, redes e novos produtores de conhecimento: os movimentos sociais e a transição paradigmática. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org) (2003). **Conhecimento prudente para uma vida decente: "Um discurso sobre as ciências" revisitado**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º Edição. São Paulo: Atlas, 2008.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.21-53.

RODRIGUES, Ana Cláudia SCOTT, Parry; SARAIVA, Jeíza das Chagas. Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais. In: CORDEIRO, Rosineire; MENEZES, Marilda; SCOTT, Parry. **Gênero e Geração em Contextos Rurais** – Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

RODRIGUES, Luiz Dias. Como se conceitua a educação popular In: SCOCUGLIA, Afonso Francisco; MELO NETO, José Francisco.( Orgs.) **Educação Popular: Outros Caminhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma Sociologia das ausências e das emergências. In: Santos, Boaventura de Sousa (org) **Conhecimento prudente para uma vida decente: "Um discurso sobre as ciências" revisitado**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa; NUNES, João Arriscado e MENESES, Paula. Introdução: para ampliar o cânone da ciência. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). **Semear outras soluções: Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Porto: Afrontamento, 2005.

SCOTT, Parry. Gênero e geração em contextos rurais. In: CORDEIRO, Rosineire; MENEZES, Marilda; SCOTT, Parry. **Gênero e Geração em Contextos Rurais** – Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

VALLA, Jorge. A análise de conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos e PINTO (orgs), José Madureira. **Metodologia das Ciências Sociais**. 11ª Edição. P. 101-128. Porto: Afrontamento, 2001.

---

[1] Acadêmica do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste. Bolsista de Iniciação Científica com projetos na área de Mulheres Militantes Trabalhadoras Rurais e Educação do Campo. Integrante do projeto de extensão Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina e do grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina.

[2] Pós Doutora em Educação pela UFRGS, Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea na UFPE/CAA atuando na linha de pesquisa Educação, Estado e Diversidade, Professora do curso de Pedagogia/NFD/CAA/UFPE.

[3] . Esses campos sociais são descritos pelo quadro teórico da Sociologia das Ausências de Boaventura de Sousa Santos (2003), como campos sociais onde mais provavelmente as experiências contra hegemônicas se revelarão como alternativas credíveis e disponíveis.